

CELEBRAÇÃO EM HONRA DE

Madre Tecla Merlo

Homilia do
Cardeal Angelo Comastri



Basilica Maria Regina Degli Apostoli - Roma, 5 fevereiro de 2014

A futura Tecla Merlo, quando criança, sonhava entrar com as Irmãs do Cotolengo, mas não foi aceita devido à sua saúde frágil. É significativa a sua aspiração: queria fazer de sua vida *um dom de Amor*. Tinha ideias claras!

“A vida se realiza no dom total de si”, não se cansava de repetir João Paulo II. E tinha muita razão.

Hoje está se extinguindo a lógica do dom, e o mundo está povoado de pessoas egoístas, que vivem *sozinhas – junto*. É um fato terrível! As populações de nossas cidades são um conjunto de pessoas sozinhas.

O encontro com Pe. Alberione abriu um novo caminho para a futura madre Tecla, para ela doar a vida a Jesus em prol das almas.

De fato, na vida de Tecla Merlo se percebe um amor imenso por Jesus, que se torna o motor de todas as suas iniciativas. Do amor de Jesus brota sua vocação missionária na Igreja. Lembrem-se bem disso!

Ela sentiu de maneira impressionante a vocação missionária da Igreja: *“A Igreja que sai”*, como gosta de repetir o Papa Francisco.

Significativa foi sua primeira viagem para o exterior, em 1936: nessa viagem ela demonstra uma coragem heroica, mas sempre amparada pela oração, ou seja, pelo amor apaixonado por Jesus. Eis o que ela narra: *“No navio não há capelão, nem missa, nem mesmo hoje, e que é Corpus Christi. Somente eu de religiosa neste navio: a única italiana e a única europeia. Os outros são todos americanos: falam inglês, e alguns falam espanhol. Eu fiz um altazinho para mim na cabine, e diante dele faço minhas orações pelo missalzinho. No domingo meditei também e fiz a comunhão espiritual. Domingo eu cantei as vésperas e penso fazer isso hoje também.*

Tecla Merlo jamais perdia de vista a razão dos seus cansaços missionários. Podia de fato dizer: *“Sei em quem acreditei”*.

E a paixão missionária acompanha-a durante toda a vida e lhe dá um coração jovem.

Hoje se constata no apostolado da Igreja uma deficiência de amor por Jesus, contra um excessivo amor de si mesmo.

E dessa forma, as obras de apostolado têm um resultado perfeito, mas sem o amor entusiasmante, e por consequência, não transmitem Jesus. Não era assim com Pe. Alberione nem com Irmã Tecla Merlo.

Giorgio La Pira costumava comparar frequentemente os tempos de São Paulo e os nossos tempos. Dizia: *“Por que então, com tão poucos meios, se fazia uma grande divulgação do Evangelho?”* E respondia: *“Então os cristãos eram ardentes de amor por Jesus e queriam divulgá-lo, e o conseguiram”*.

Carlos Carretto, homem de oração e de intenso apostolado, dizia sempre: *“Não nos esqueçamos de que o apostolado é uma interioridade que aflora e jorra sobre os outros”*.

Assim aconteceu com Pe. Alberione e Irmã Tecla Merlo.

Irmã Tecla era obediencíssima às orientações de Pe. Alberione, o qual compreendeu com antecedência a importância dos meios de comunicação para a divulgação do bem ou do mal. Atualmente, queiramos ou não, esta é a época das “mídias”.

Pe. Alberione enxergou longe, e Irmã Tecla com ele. Mas traduziu fielmente a linha de apostolado de Pe. Alberione, colocando-a em termos femininos, que é a delicadeza.

Um exemplo do que ocorreu em 1930. Eis como Pe. Alberione explica, numa circular, como ele entende as livrarias paulinas e a sua função. Escreve assim:

“São centros de apostolado, não propriamente vitrines, mas ensinamento, feito de São Paulo e Evangelho; não comércio, mas serviço; não posto de venda, mas apostolado com todas as iniciativas; não clientes, mas discípulos e cooperadores; não serviço e dinheiro, mas Evangelho que esparge luz e calor na região; não preços, mas ofertas; não donos, mas colaboradores humildes na Igreja; não dinheiro, mas almas...”

Pe. Alberione é evangelicamente lúcido e coerente, e quer tudo e de imediato. Quer uma decolagem vertical. Essa rigorosa orientação é dirigida a todas as irmãs, nas suas sedes, e de imediato Mestre Tecla a transmite de maneira integral. Mas tem a fineza de intitular *“Orientação e Exortação”*, dando assim a todo aquele rigor uma familiaridade que faz bem; além do mais, ela acrescenta algum comentário, duas linhas, não mais, tranquilas e magistrais: *“Leiam bem estas coisas e depois, pouco por vez, voltaremos a elas. Não se aflijam, voltaremos pouco por vez a estas coisas. No entanto, devemos tê-las em conta”*. Aqui está o toque da Mãe e o perfume da mulher humilde.

4) É constante nela o desejo de tornar-se santa, ou seja, doar-se alegremente a Jesus em prol das almas. O Papa Francisco insiste muitíssimo na alegria de crer, que atrai a Jesus; e Madre Teresa, por experiência pessoal, dizia: *“A alegria é o ímã que atrai as almas”*.

Desejo de santificar-se convive, em Madre Tecla, com o desejo de servir e estimular todas as Filhas de São Paulo à santidade. Os santos sabem que não podem nem devem jamais caminhar sozinhos.

De fato, estes dois desejos – santificação pessoal e santificação dos outros – não podem caminhar separados. Santa Teresa de Lisieux expressou admiravelmente o dinamismo do apostolado cristão, ao dizer: *“Quanto mais eu mergulhar no oceano do Amor de Deus, mais atrairei a Jesus as almas das quais me aproximo. Atraí-me e correremos!”* Há uma grande sintonia entre Teresa di Lisieux e a Madre Tecla.

Entretanto, hoje está difundida uma tibieza espiritual que esteriliza o apostolado: falta a imersão no fogo, e, portanto, não se transmite o calor de Deus. Devemos reencontrar o fervor!

Comovente e altamente expressivo o amor que tinha no coração foi a *oferta da vida, a fim de que todas as Filhas de São Paulo se tornem santas* (28 de maio de 1961). Esse gesto, ela o fez com simplicidade e espontaneidade... porque os santos não se dão conta de serem heróis. Irmã Tecla é profundamente convicta de que, separado da videira, não se pode dar frutos: eis porque ela coloca em primeiro plano a oração pela santificação de suas irmãs.

Maravilhosamente evangélica é a afirmação que lhe nasceu do coração, diante de uma situação especialmente difícil: *“Não sabendo onde bater a cabeça, então a batemos no Tabernáculo”*.

Essa é a fé que remove montanhas, ou seja, a fé que supera todas as dificuldades.

E essa fé é típica das almas humildes (aquelas que subjugarão o monstro do orgulho!).

Em 14 de outubro de 1943, ela escreve num caderninho de apontamento: *“Senhor, eu te agradeço porque me fizeste compreender que eu sou a mais atrasada, a mais mísera, que pouco compreende e a maior pecadora do mundo. Pois que eu entendi que foi permitido por ti, também, o fato de eu estar doente, fraca, débil e miserável. Jesus, confio em ti! Maria Santíssima, ajuda-me!”* Como são belos esses sentimentos!

Com almas assim é que Jesus faz grandes coisas! E Madre Tecla é uma prova disso!

5) Como conclusão, quereria colocar uma pergunta: por que a devoção a São Paulo? Certamente, porque São Paulo foi um apóstolo infatigável: impressionante, ainda hoje, a narração de suas viagens e o fervor que não esmoreceu perante dificuldade alguma. Basta ler 2Cor,11,24-29: *“Cinco vezes recebi quarenta golpes menos um; três vezes fui açoitado; uma vez, apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos de ladrões, perigos por parte de meus irmãos de estirpe. Perigo dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigo da parte dos falsos irmãos. Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez. Além disso tudo, sem contar a minha preocupação cotidiana por todas as Igrejas. Quem fraqueja, que eu também não me sinta fraco? Quem tropeça, que eu também não me incendeie?”*

Mas como se acendeu o motor interno de São Paulo? No caminho de Damasco. Ouçamos o breve diálogo:

“Saulo, por que me persegues?”

“E quem és tu, Senhor?”

“Eu sou Jesus, a quem tu persegues.”

“E o que devo fazer, Senhor?”

“Levanta-te e entra em Damasco. Lá te será dito o que deves fazer”.

Nesse breve diálogo, Paulo compreende que o Amor é a única força de Deus, que Deus é o Amor onipotente! E Deus nos ama por puro dom: sem merecimento algum de nossa parte.

A caminho de Damasco, Paulo era um perseguidor de Cristo. E Cristo o alcançou, o chamou e o amou por pura misericórdia. Isso vale também para nós.

Paulo o compreende e assim enche-se de Amor. Ele chega a dizer: *“Se eu não tiver caridade não sou nada!”*

apostolado é uma questão de amor, e não de técnica. Pe. Alberione e Irmã Tecla entenderam isso perfeitamente.

São Francisco, ao morrer, disse aos seus irmãos: *“Eu fiz a minha parte. Jesus lhes conceda fazer a parte de vocês...”*

Lembrem-se de que os carismas não se herdaram, mas cada geração deve reapropriar-se deles, partindo do começo.

É isso que nos pedem Pe. Alberione e Mestra Tecla.

Card. Angelo Comastri
Vigário Geral de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano
Arcipreste da Basílica Papal de São Pedro